

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Natália Coury de Rezende

**LIMITES E POSSIBILIDADES DO ECOSSOCIALISMO: UMA ANÁLISE DO MODELO  
ENQUANTO POSSÍVEL ALTERNATIVA AO SISTEMA CAPITALISTA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Luciana Bittencourt Villela

Juiz de Fora  
2023

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Natália Coury de Rezende, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072111A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **LIMITES E POSSIBILIDADES DO ECOSSOCIALISMO: UMA ANÁLISE DO MODELO ENQUANTO POSSÍVEL ALTERNATIVA AO SISTEMA CAPITALISTA**, desenvolvido durante o período de Agosto de 2023 a Dezembro de 2023 sob a orientação de Luciana Bittencourt Villela, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Natália Coury de Rezende**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# LIMITES E POSSIBILIDADES DO ECOSSOCIALISMO: UMA ANÁLISE DO MODELO ENQUANTO POSSÍVEL ALTERNATIVA AO SISTEMA CAPITALISTA

Natália Coury de Rezende<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central a compreensão do Ecosocialismo, contrastando-o com o sistema capitalista e explorando suas potencialidades e limitações como alternativa à crise socioambiental gerada pelo capitalismo. Para isso, será debatido sobre as definições do que é o Ecosocialismo e qual a sua possível contribuição para o desenvolvimento social a partir, não somente do campo teórico, mas enquanto uma perspectiva prática, bem como também será abordado sobre as características e conceitos do Capitalismo e sua identificação enquanto um sistema responsável pela crise ambiental. O texto foi construído a partir de uma revisão bibliográfica utilizando artigos já publicados entre os anos de 2000 a 2023 para expôr o que foi falado acerca do tema durante esse tempo, além de outros materiais complementares. O trabalho é composto, sobretudo, pela abordagem sobre as conceituações acerca do Capitalismo e do Ecosocialismo a partir desses textos e por uma análise comparativa entre esses dois tipos de modelos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crise Socioambiental; Capitalismo; Ecosocialismo.

## 1. INTRODUÇÃO

Muito tem se falado a respeito dos diversos fatores que têm contribuído para a formação da chamada crise ambiental e seus desdobramentos no equilíbrio ecológico do planeta: aquecimento global, derretimento das calotas polares, a elevação dos níveis dos mares, o efeito estufa, a desertificação dos solos, chuva ácida, desmatamento, consumo e desperdício de água, poluição do ar e dos oceanos, e etc. são alguns exemplos. No entanto, é possível perceber uma incipiente problematização a respeito do assunto, muitas vezes atribuindo ao comportamento individual a responsabilidade de mudar o rumo desses impactos, em detrimento da necessidade de refletir sobre o modo de produção capitalista e toda a sua responsabilidade na produção dos maiores problemas ambientais da atualidade.

É necessário enfatizar que o capitalismo não assola somente o meio ambiente, mas é responsável também por diversos problemas de esfera social. Desse modo, não é possível separar a luta ambiental da luta de classes. O sistema capitalista trabalha a favor dos mais ricos, que constitui uma pequena parcela da população. Logo, não é viável que a classe trabalhadora tente utilizar desse sistema a seu favor, que as oprime diariamente através da exploração de sua mão-de-obra e dos recursos ambientais. É necessário uma reconfiguração do sistema, unificar a luta ambiental à luta social.

O meio ambiente é tratado pelo modelo capitalista como algo externo ao ser humano e que não possui valor. Essa é uma visão errônea e que precisa ser superada, uma vez que homem e natureza são indissociáveis, na medida em que o primeiro faz parte da segunda, assim como os problemas sociais e ambientais também se esbarram, na medida em que os mais afetados pela degradação ambiental são aqueles que menos possuem acesso aos recursos básicos para a sobrevivência.

Assim, este trabalho se pauta no objetivo de compreender o que é o Ecosocialismo, contrapondo-o ao sistema Capitalista, bem como apresentar quais são suas possibilidades e limites enquanto uma possível alternativa contra a crise socioambiental provocada pelo sistema capitalista. Para isso, os objetivos específicos serão (i) apontar o sistema capitalista como principal responsável pela crise socioambiental; (ii) compreender o que é o Ecosocialismo (iii) entender como o Ecosocialismo poderia contribuir para o desenvolvimento das sociedades e ser uma resposta aos impactos causados pelo atual sistema econômico.

A justificativa desse trabalho surge a partir de um interesse pessoal pelo tema do Ecosocialismo e pelas questões ambientais. Tendo em vista que, no cenário atual, enfrentamos problemas ambientais graves, que colocam em risco a vida humana na Terra, a discussão a respeito dessa crise, bem como a busca por

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luciana Bittencourt Villela

soluções e alternativas para enfrentá-la se faz urgente. Ademais, muitas vezes existe uma separação entre os temas sociais e ecológicos, na qual eles não são colocados como questões que estão correlacionadas. Nesse sentido, é necessário que esses assuntos sejam tratados lado a lado, uma vez que, quando falamos de crise ambiental, as pessoas que estão em situações à margem da sociedade são as primeiras a serem atingidas por problemas como mudanças climáticas, produção de lixo em excesso ou os diversos tipos de poluições, logo é impossível se pensar em desenvolvimento e igualdade para essas pessoas sem que a discussão ambiental esteja incluída.

A metodologia será composta pelo método qualitativo a partir da utilização de teorias e conceitos já existentes e de uma revisão bibliográfica de trabalhos sobre as temáticas que tangenciam o ecossocialismo, publicados no período dos anos de 2000 a 2023, para mostrar os que vem sendo debatido sobre o tema nesse intervalo de tempo. Pretende-se trabalhar com autores que defendem o ecossocialismo como alternativa à crise socioambiental e ao desenvolvimento e também com autores que possuem ressalvas ou não o entendem desse modo, tecendo críticas, de forma a fazer uma comparação para mostrar seus pontos positivos e negativos, ou seja, suas possibilidades e limites.

Foi realizada uma busca no Portal Periódico Capes a partir da palavra “Ecossocialismo” na qual foram encontrados 56 resultados. Logo após foi adicionado um filtro de tempo, limitando à trabalhos que foram publicados entre os anos de 2000 à 2023, continuando com 56 resultados. Depois foi aplicado outro filtro para o idioma em Português, encontrando 38 resultados. Por fim, foi colocado o filtro de assunto selecionando as palavras “Ecossocialismo”, “Ecossocialism” e “Michael Löwy”<sup>2</sup>, resultando em 14 textos. Ademais, serão utilizados outros materiais a parte dos encontrados nessa busca. Será utilizado o livro “O que é o Ecossocialismo?” de Michael Löwy para uma descrição mais completa dos conceitos e características do Ecossocialismo, além de outros artigos do mesmo autor que não foram identificados na busca no portal Capes, a fim de que o debate possa se tornar mais enriquecedor.

Inicialmente será discutido acerca do sistema capitalista, qual seu histórico, suas características e conceitos. Logo após o Ecossocialismo será apresentado a partir também de seu histórico, características e conceitos, bem como quais são seus limites e possibilidades e suas perspectivas práticas. Por fim, será traçado um quadro analítico comparativo entre os modelos capitalista e ecossocialista para que possa ser feita uma discussão acerca de suas diferenças.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Capitalismo: histórico; conceitos e características**

O capitalismo é um sistema econômico que tem sua origem marcada pelo fim do feudalismo e, que desde então, foi sendo moldado através de um processo histórico, passando por diversas mudanças e fases ao longo dos séculos até atingir um nível de expansão mundial que se faz presente até os dias atuais.

Apesar de ter surgido nas nações consideradas hoje “desenvolvidas” ou “de primeiro mundo”, esse modelo afetou, e continua afetando, sobretudo, os países que serviram de colônias exploratórias e que são conhecidos atualmente como periferias, como é o caso do Brasil. Assim, “o processo de desenvolvimento do capitalismo mundial encontrou, em terras brasileiras, um modo peculiar, subordinado e subalterno.” (FREIRE; VAZ, 2020 p. 6).

Sua sustentação se dá, sobretudo, pela privatização dos meios de produção, controlados pelas grandes empresas pertencentes aos poucos poderosos do mundo, pela produção e acumulação infinitas, ou seja, produzir além do necessário, invertendo assim o valor de uso pelo valor de troca, e pela busca incessante por lucro através da mais-valia. Para alguns autores críticos ao capitalismo, como Michael Löwy (2014), é um sistema que se funda em exclusão, exploração, alienação e dominação pela maioria e concentração de poderes e privilégios nas mãos da minoria. De maneira semelhante salienta Souza (2020, p. 6) quando aponta que “[...] expansão e acumulação estão intimamente ligadas, fazem parte de um circuito vital para a garantia de existência e reprodução do capital.” Diante disso, como argumentam ambos os autores, é possível apontar a insustentabilidade do capitalismo, além do papel fundamental que o capital possui para a sustentação e manutenção desse modelo.

---

<sup>2</sup> Michael Löwy é um autor e pesquisador franco-brasileiro marxista que possui relevante influência dentro do tema ecossocialista, tendo diversas obras publicadas, tanto no Brasil como na França, relacionadas com a teoria marxista e com o ecossocialismo.

O sistema capitalista possui o poder de criar valor de troca para qualquer coisa, ou seja, transformar tudo em mercadoria, inclusive o trabalho humano. O fetichismo da mercadoria é mais um dos pilares que sustentam o capitalismo. Ele se concretiza a partir da criação de produtos que vão atender falsas necessidades, isto é, uma produção focada não apenas no valor de uso, mas também no valor de troca. Assim, lotado de contradições “Se é coerente com seus princípios, surgem problemas que não é capaz de enfrentar [...]” (BAUMAN, 2010, p. 7)

Além disso, é um modelo que sobrevive a partir das crises, uma vez que “É no desenrolar das crises que as instabilidades capitalistas são confrontadas, remodeladas, e reformuladas para criar uma nova versão daquilo em que consiste o capitalismo” (HARVEY, 2016, p. 9). Dessa forma, percebemos como esse sistema ainda se mantém predominante e como é complexo o desafio de substituí-lo perante a urgência socioambiental que se faz presente. É necessário, ainda, enfatizar que esse sistema não assola somente o meio ambiente, mas é responsável também pela questão da desigualdade social. Desse modo, não é possível separar a luta ambiental da luta de classes, pois “[...] a crise ecológica e a crise social possuem uma origem comum, qual seja, o próprio capitalismo.” (QUERIDO, 2008, p. 71).

Ademais, sobre suas contradições, possui uma em particular que discorda de toda a sua lógica: a ideia de que, na verdade, é o capital o fator responsável por todos os problemas socioambientais, uma vez que este antecede o sistema capitalista e pode estar presente em outros modelos de sistemas, ou seja, não é exclusivo do capitalismo (HARVEY, 2016). Dessa forma, esbarrando nesse princípio acerca do capital temos então que “[...] os elementos fundamentais da estrutura do capital, seus imperativos e necessidades, entram em conflito direto com as necessidades metabólicas da Terra.” (SOUZA, 2020, p. 16)

O sistema capitalista é considerado, para Bauman (ano), um sistema parasitário, pois ele só consegue se desenvolver ao se apossar de um hospedeiro e consumi-lo ao máximo até destruí-lo e, quando esse hospedeiro é abatido, ele procura um outro e assim se inicia um novo ciclo. Desse modo,

Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo sua sobrevivência” (BAUMAN, 2010, p. 8-9)

O modelo capitalista está também diretamente relacionado à ideia de desenvolvimento e, ainda, desenvolvimento que não é pautado de uma preocupação ambiental e social, que se ocupa meramente da extração dos recursos e exploração das classes, por isso (FREIRE; VAZ, 2020 p. 6) fazem a crítica de que “[...] o desenvolvimento capitalista é intrinsecamente destrutivo”.

O capitalismo sobrevive, ainda, a partir da alienação do trabalho e pela extração da, já comentada, mais-valia, uma vez que “[...] o capital precisa constantemente apoderar-se do excedente produtivo para garantir suas possibilidades de reprodução.” (SOUZA, 2020, p. 6), ou seja, os trabalhadores trocam sua força sem tomarem consciência de que estão sendo explorados, pois “Não pode caber ao produtor as funções de controle, já que ao possuir tal domínio os trabalhadores estariam aptos a inverter as prioridades, isto é, a retirar o capital como centro da configuração do metabolismo social.” (SOUZA, 2020, p. 8), perpetuando sua expansão e acumulação. Assim,

“É imprescindível para o capital o estabelecimento de uma ordem produtiva que se apoie na divisão hierárquica do trabalho e tenha como base a alienação. Isto se deve ao fato de que para organizar a produção de modo a otimizar a extração da mais-valia necessária para a acumulação, o produtor deve ser um sujeito alienado do seu produto” (SOUZA, 2020, p. 8)

O homem atualmente não se preocupa apenas com as suas necessidades de sobrevivência, existe uma constante tentativa de acumulação de coisas a partir da criação de mercadorias que são produzidas e comercializadas apenas para geração de capital. Há uma necessidade incessante de estar sempre produzindo e consumindo, concretizando uma inversão de valores, no qual o valor de troca é mais importante do que o valor de uso. Desse modo, o problema do consumismo esbarra diretamente na questão

ambiental. Michael Löwy aponta que

[...] é impossível pensar em uma ecologia crítica à altura dos desafios contemporâneos sem ter em conta a crítica marxiana da economia política, o questionamento da lógica destrutiva induzida pela acumulação limitada de capital. Uma ecologia que ignora ou negligencia o marxismo e sua crítica do fetichismo da mercadoria está condenada a não ser mais do que uma correção dos “excessos” do produtivismo capitalista. (2014, p. 27)

Por fim, o sistema capitalista trabalha a favor da burguesia, que constitui uma pequena parcela da população mundial. Logo, não é viável que a classe trabalhadora tente utilizar desse sistema a seu favor, que as oprime diariamente através da exploração de sua mão-de-obra e do meio ambiente. É necessário uma reconfiguração do sistema, unificar a luta ambiental e a luta de classes e pensar em possíveis modelos que vão conseguir ir contra tudo o que o capitalismo defende. Sendo assim, uma dessas soluções seria a substituição pelo modelo ecossocialista que será apresentado na próxima seção.

## 2.2 Ecossocialismo: histórico; conceitos e características

O ecossocialismo é uma corrente teórica de pensamento que tem sua origem na década de 1970. Ele consiste em unir princípios do socialismo com a luta ambiental como alternativa para o enfrentamento ao sistema capitalista, que é o principal responsável pelos diversos problemas ambientais que vemos acontecer nas últimas décadas. Desse modo, ele consiste em “associar o ‘vermelho’ - a crítica marxista do capital e a alternativa socialista - com ‘verde’, a crítica ecológica do produtivismo” (LÖWY, 2014).

Ademais, ele se define sob o conceito básico de que não é possível uma ecologia que não seja socialista, bem como é inviável um socialismo não ecológico, assim, como aponta Seferian (2019, p. 91), o ecossocialismo “se volta contra a lógica capitalista como um todo, bem como contra as leituras da questão ambiental – militantes ou não – que fazem vistas grossas ou compactuam diretamente com a continuidade da relação social do capital”. Por isso torna-se impossível dissociar uma coisa da outra, “ecologistas reconciliados com o capitalismo ‘esquecem’ seu compromisso socialista, enquanto socialistas atrasados negam a dimensão ecológica de sua luta.” (LÖWI, 2014, p. 10)

Apesar dos pensadores ecossocialistas partilharem de muitos pontos em comum, ele é um modelo de sistema heterogêneo, que aceita a diversidade e os diferentes pontos de vista. Além disso, também é perpassado por uma ética social - pois entende que o problema não se resume a uma esfera individual - por uma ética igualitária - argumentada na ideia de que o atual modelo de produção e consumo dos países hegemônicos não pode ser expandido à uma escala global - por uma ética democrática - na qual os trabalhadores que teriam que ter o poder das decisões econômicas - por uma ética radical - que vai diretamente na raiz do problema, não tentando arrumar falsas soluções, e por fim, ele é marcado por uma ética responsável - que preza pela garantia da existência das próximas gerações (LÖWY, 2014). Em resumo, indo na direção contrária à lógica capitalista, a ética ecossocialista é “fundada sob valores humanos qualitativos, na contramão da máquina de quantificação do capital.” (QUERIDO, 2008, p. 70).

Essa corrente busca resgatar na crítica de Marx alguns conceitos importantes “ao mesmo tempo que o livra das suas escórias produtivistas” (LÖWY, 2014) adaptando-os para o atual contexto em que estamos inseridos. Dessa forma, ele propõe uma união das raízes teóricas marxistas com possíveis práticas mais atuais. É importante ressaltar que, apesar do apontamento de Löwy, a discussão a respeito de homem-natureza já aparecia desde os escritos marxistas, como aponta Souza (2020, p. 3) “Marx leva em conta que sem natureza não há possibilidade de trabalho, assim como não há possibilidade de existência humana”, no entanto, essa temática não aparecia como debate principal em suas obras.

Os ecossocialistas entendem que as duas discussões - social e ambiental - são indissociáveis e fazem uma dura crítica aos socialistas que não englobam o debate da natureza em seus estudos, bem como aos que acreditam que é suficiente apenas como solução a tomada dos meios de produção pela população, mantendo a continuidade do aparelho capitalista. Por isso, Löwy (2014) diz que “os trabalhadores não podem apoderar-se do aparelho de Estado capitalista e pô-lo em funcionamento em benefício próprio.

Devem 'quebrá-lo' e substituí-lo por outro, de natureza totalmente distinta, uma forma não estatal e democrática de poder político”.

Trata-se, portanto, de um modelo radical em sua essência, pois visa atacar a raiz do problema, destruindo e estruturando do início um novo sistema de civilização, rompendo com o aparelho produtivo capitalista e com o padrão de consumo, uma vez que, como aponta Bauman (2010, p. 33) nossa sociedade se configura enquanto uma sociedade de consumidores.

Diferente do Socialismo convencional, que não está isento de fragmentos produtivistas - mesmo que em níveis menores - o Ecosocialismo tem como fundamento a preocupação com a natureza, entendendo que ela abrange um todo, considerando sociedade e ambiente. Sendo assim, sua lógica é que questões sociais e ambientais estão diretamente interligadas, sendo impossível separar essas discussões para tentar obter uma solução contra o capitalismo.

O modelo ecosocialista busca, ainda, romper com a lógica do capital presente no sistema capitalista, uma vez que este, apesar de anteceder o capitalismo, como já dito, é uma das maiores forças motriz para a manutenção desse sistema. Desse modo, “o diagnóstico ecosocialista se desdobra necessariamente na posição de uma clara finalidade: a ruptura histórica com a lógica do capital e todo o modo de produção e vida que a ela corresponde” (BARRETO, 2021, p. 213)

Uma das discussões centrais do Ecosocialismo é a respeito da priorização do valor de uso pelo valor de troca, uma vez que o primeiro diz respeito à atender apenas às necessidades básicas do ser humano, sem precisar criar falsas necessidades através do fetichismo da mercadoria, e à uma racionalidade e consciência ecológicas.

Ademais, a extinção das classes sociais também se faz presente no debate ecosocialista, consequentemente reduzindo as desigualdades e segregações, na qual o indivíduo não teria como principal preocupação o desejo de trabalhar incansavelmente para alcançar uma ascensão social como garantia de uma existência que sanasse todas as suas “necessidades”, mas sim que tivesse como objetivo viver verdadeiramente, possuindo tempo livre para sua “realização pessoal, pelas atividades culturais, lúdicas, eróticas, esportivas, artísticas, políticas, em vez do desejo de acumulação ao infinito de bens e produtos” (LÖWY, 2014)

Uma crítica relacionada ao modelo ecosocialista é a de que alguns autores apontam que esse modelo se trata apenas de uma mera utopia e que seus debates muitas vezes ficam apenas no campo teórico. No entanto, apesar de não levar o nome de práticas ecosocialistas, algumas pequenas ações que seguem os fundamentos do ecosocialismo já estão presentes em nossa realidade.

Há ainda, estudiosos que possuem ressalvas acerca da crítica ecosocialista de Löwy, como é o caso de Assunção (2017), que mostra que o autor acaba por simplificar e separar determinadas categorias relacionadas à modo de produção, sociedade e civilização, além de argumentar que Löwy sugere a possibilidade de escolher um aspecto da contradição enquanto se supera o outro. Ademais, a crítica à Löwy se estende para o aspecto de seu apontamento acerca do fracasso do Socialismo Soviético, que de acordo com o autor ecosocialista, se deu por conta de sua apropriação ao aparato capitalista. No entanto, Assunção discorre que este insucesso ocorreu pela falta de bases materiais para o socialismo, e que o apontamento de Löwy acaba por atribuir a uma esfera produtiva um problema que está relacionado com a superestrutura. Além disso, a autora destaca que, diferente de como discorre o autor, o marxismo não é atribuído de nenhum caráter romântico, pelo contrário, Marx tecia uma crítica à idealização de um passado que fosse menos evoluído e sem contradições e problemas como os do presente e que, portanto, o pensamento marxista trabalha a favor da superação de uma utopia. Assim, aponta que

A possibilidade de uma nova sociedade está dada já na atual, por isso não se trata de utopia ou ideal a realizar, mas de conhecimento efetivo e transformação da realidade, e saltar utopicamente sobre a atual situação só pode resultar em fracasso. Bem assim, seria necessário se fixar na maior das contradições no que toca a este aspecto, que é a que enforma a relação cidade/campo – e não notamos em Löwy um estudo mais acurado desta questão ou propostas que visem a solucionar essa contradição específica.

Embora Löwy veja, com razão, os problemas da natureza em sua interrelação com a sociedade, sua reflexão acerca da relação homem-natureza – crucial para um debate sobre ecologia – é pouco aprofundada. (ASSUNÇÃO, 2017, p. 72)

A crítica à literatura ecossocialista se estende, ainda, no âmbito de que alguns autores baseiam suas ideias numa perspectiva de soluções a médio e longo prazo, o que se configura como uma possibilidade inviável, visto que a crise ambiental já está acontecendo. Dessa forma, é preciso que esforços sejam realizados para que o pensamento seja traçado visando o agora, e não um futuro, que pode nem existir. Dessa forma (BARRETO, 2021) aponta que

“[...] falta uma noção clara da possibilidade de a atividade humana já ter desestabilizado de maneira irreversível o sistema climático que propiciou as condições ecológicas sobre as quais nossa espécie surgiu e floresceu e de já estarmos em meio a mudanças climáticas abruptas que desafiarão nossa capacidade de adaptação no curto prazo. [...]”

Em síntese, o ecossocialismo surge como uma abordagem teórica que busca integrar os princípios do socialismo com a preocupação ambiental, apresentando-se como uma alternativa ao sistema capitalista, principal responsável pelos desafios ambientais contemporâneos. Assim, o ecossocialismo continua a ser um campo de discussão e reflexão que desafia as noções convencionais sobre a interseção entre questões ambientais e sociais.

Percebe-se, portanto, as disparidades de pensamentos acerca das ideias ecossocialistas, pois apesar de ser uma proposta teórica bem estruturada, o ecossocialismo é alvo de críticas que levantam questionamentos sobre sua aplicabilidade prática e destacando seus desafios. Desse modo, é necessário que a discussão prática esteja completamente envolvida nas ideias ecossocialistas.

### **2.3 Abordagens práticas do Ecossocialismo**

Como já apontado anteriormente, o Ecossocialismo tem sua existência ainda apenas no campo teórico, no sentido de que não é um modelo que se encontra em vigor enquanto um tipo de sistema em nossa civilização, pois, apesar de algumas práticas presentes em algumas sociedades que levam um modo de vida alternativo já denotarem um caráter ecossocialista, o capitalismo ainda é predominantemente presente em nossa civilização. Dessa maneira, para que seja possível tornar a discussão do ecossocialismo mais presente em nossa realidade, de maneira que não fique apenas recluso no campo das ideias, é necessário pensar acerca de concepções que sejam aplicáveis na prática, pois, de nada adianta fazermos apontamentos críticos sobre o modelo capitalista sem pensar em soluções para romper com seus princípios destrutivos.

Desse modo, sendo um assunto que, apesar da urgência, ainda é pouco discutido, a pauta ambiental só passou a ser incorporada em uma agenda social a partir do século XX. A partir disso, têm-se o surgimento dos partidos políticos da chamada Esquerda Verde, que fazem esforços para trazer essa discussão para dentro do campo político através dos discursos ecossocialistas e, conseqüentemente, tentar torná-la mais presente na sociedade (BARROS, 2018)

Ademais, sendo uma das perspectivas práticas do Ecossocialismo, a Educação Ambiental é uma das principais e mais importantes maneiras de se pensar uma resposta à crise socioambiental vigente a partir da superação da alienação a que são submetidos os indivíduos no sistema capitalista, que os fazem serem reféns da opressão e, conseqüentemente, perderem sua qualificação como ser humano. Desse modo, seria necessário que a maioria dos indivíduos adquirissem uma consciência que seguisse os princípios ecossocialistas, assim, a Educação Ambiental, de acordo com Bravo e Steglich (2018) seria uma das maneiras mais efetivas de isso ocorrer.

Assim, a Educação Ambiental crítica, visa trabalhar essa conscientização acerca dessas opressões sofridas pelos trabalhadores, buscando caminhos para se alcançar a emancipação através de uma reflexão sobre a satisfação de suas necessidades e romper com a alienação gerada pelo capitalismo que é responsável pelos indivíduos continuarem acreditando que ter uma jornada de trabalho longa, sem terem

tempo livre para se dedicarem à outras atividades é o ideal (BRAVO; STEGLICH, 2018). Desse modo, apontam que

A luta pelo ecossocialismo deve ser a luta dos trabalhadores, dos oprimidos pelo sistema que, conscientes de sua condição de opressão, darão fim a esse modelo e inaugurarão outro inteiramente novo, dedicado à satisfação das necessidades humanas e preocupado com as trocas metabólicas efetuadas pelos seres humanos com a natureza. (BRAVO; STEGLICH, 2018, p. 8)

Diversas outras soluções de caráter ecossocialista podem, e já são, aplicadas em nossa sociedade, como é o caso do incentivo e da democratização ao transporte público que seja acessível, de qualidade e sustentável, bem como do uso de transportes como a bicicleta, para que seja diminuído o número de veículos individuais, que são extremamente nocivos ao meio ambiente; a busca pela substituição da energia oriunda dos combustíveis fósseis por opções de energias limpas e renováveis, como a solar, eólica e até mesmo a de biomassa; a substituição do modelo do agronegócio por uma agricultura que seja sustentável e por uma agroecologia, bem como também a redução da jornada de trabalho para a possibilidade de dedicação à outras atividades, como já apontado anteriormente.

Porém, temos que para que todas essas concepções práticas se estendam à uma escala global, é fundamental que haja um planejamento e reordenamento em alguns setores macros da sociedade para que não sejam reduzidos a casos isolados que serão praticados em apenas determinados países, em sua maioria, países considerados de primeiro mundo, e para que as nações periféricas não continuem sendo lembrados apenas como fonte de exploração de recursos e trabalho.

## **2.4 Análise comparativa entre Capitalismo e Ecossocialismo**

A partir das discussões realizadas nas sessões anteriores acerca das conceituações sobre as categorias "Capitalismo" e "Ecossocialismo" agora será traçada uma análise comparativa para apontar até que medida o Capitalismo se configura como um modelo insustentável e o Ecossocialismo como uma opção para sua substituição.

A respeito do Capitalismo, inicialmente temos que este é um modelo que denota ao século XVIII, ou seja, já está presente em nossa sociedade a cerca de 300 anos, enquanto que o Ecossocialismo passou a existir como pensamento concreto no final do século XX, tendo uma existência de aproximadamente cinco décadas, ou seja, ele ainda está em processo de desenvolvimento e aprimoramento de suas ideias. Além disso, distintamente do sistema capitalista, não é um modelo que se apresenta de forma concreta e prática em nossa civilização, se limitando, portanto, ao campo da teoria.

Ademais, no que diz respeito ao campo econômico, o Capitalismo se caracteriza como um modelo que é pautado pelo livre mercado e por defender a propriedade privada dos meios de produção, ou seja, empresas e recursos privados, além da busca incessante por lucro. O Ecossocialismo por sua vez, não sendo pautado no lucro e na acumulação de capital, questiona o modelo de propriedade privada, sobretudo no que diz respeito aos recursos naturais e entende a economia de uma perspectiva da propriedade coletiva, na qual o objetivo é atender às necessidades básicas de todos, e tentando evitar a exploração dos recursos.

No que se refere à categoria social, o Capitalismo é sustentado pelas desigualdades e estratificado em classes sociais que são divididas de acordo com o poder aquisitivo dos grupos, na qual as riquezas é desigual, pautado em uma ideia do individual e concentrando a maior parte dos recursos nas mãos de uma minoria. Já no que diz respeito ao Ecossocialismo, este é um modelo que vai contra a existência das classes sociais, desse modo, a distribuição dos recursos e riquezas seria feita de forma igualitária entre a população.

No campo ambiental, o capitalismo não se preocupa em nenhuma medida com a natureza, pelo contrário, toda a sua lógica gira em torno de uma perspectiva de destruição ambiental e de um princípio nada ecológico, uma vez que sua preocupação se firma apenas no campo econômico de produção e consumo, acarretando em graves impactos ambientais, assim "Há uma explícita admissão da inviabilidade ecológica da sociedade capitalista" (BARRETO, 2021, p. 213). O Ecossocialismo, por sua vez, possui como principal

prioridade a preservação ecológica. Entendendo que a natureza é fundamental para a continuidade da vida humana no planeta, ele busca maneiras para que a produção e consumo não sejam prejudiciais para a natureza, ou seja, um propõe um modelo no qual a economia respeite os limites ecológicos.

O Estado, por sua vez, dentro do modelo capitalista, se comporta enquanto apenas mediador, tendo seu papel reduzido e limitado, já que o controle dos meios de produção vêm, em sua grande parte, por meio do setor privado e entende-se que o mercado é o que deve ter o papel de regulador da economia. No Ecosocialismo o Estado também teria papel limitado, no entanto, sua função seria de promover a justiça social e ambiental, ou seja, assegurando que as atividades produtivas estejam alinhadas com os objetivos sociais e ambientais, e garantindo a distribuição igualitária de recursos à toda população, já que a sociedade seria autogerida e dona dos meios de produção.

**Quadro 1 - Comparativo entre capitalismo e ecosocialismo**

<b>Categorias analisadas</b>	<b>Capitalismo</b>	<b>Ecosocialismo</b>
<b>Economia</b>	Propriedade privada; Livre Mercado	Propriedade coletiva; Atender às necessidades básicas de todos
<b>Sociedade</b>	Desigualdades; Classes Sociais marcadas por poder aquisitivo	Sem distinção de classes
<b>Meio ambiente</b>	Sem preocupação ambiental	Total preocupação; Homem e Natureza inseparáveis
<b>Estado</b>	Papel limitado: controle por meio do setor privado	Papel limitado: Justiça Social e Ambiental; Distribuir recursos; Autogestão da população

**Fonte: elaboração própria a partir das teorias analisadas**

Diante de todos os apontamentos realizados durante a elaboração deste trabalho acerca da indissociação homem-natureza, e a partir do quadro comparativo, fica evidente, portanto, que o capitalismo se firma, de fato, como um modelo insustentável se quisermos garantir a existência das próximas gerações. Além disso, a opção ecosocialista, apesar de ainda estar dando pequenos passos, se funda como uma alternativa para a superação desse problema, pois, como aponta (BARRETO, 2021, p. 231)

Ninguém será capaz de afirmar categoricamente que o futuro ecosocialista está definitivamente fora de nosso alcance. Mas existem evidências contundentes de que o foco de nossos esforços deve ser direcionado a estratégias de adaptação profunda e a reunir as condições mínimas para a sobrevivência da espécie. Nessa mesma linha, há evidências mais do que suficientes de que isso deve ser feito imediatamente e com um senso de urgência que abandone em definitivo a luta pulverizada, autoindulgente e de ambições mediocres. Não se trata de afirmar que a via revolucionária é preferível ou superior a outras disponíveis. Trata-se de afirmar que ela é a única via ainda em aberto com algum potencial para evitar nosso próprio desaparecimento.

Percebe-se que a discussão acerca do caráter destrutivo do capitalismo é perceptível ao nível de que aparece, não somente em trabalhos de autores ecosocialistas, mas também em outros que se dedicam aos estudos de outras áreas pois, como aponta (QUERIDO, 2013, p. 12) “Já há algum tempo, três ou quatro décadas, tornou-se nítido o caráter eminentemente destrutivo do modelo produtivo e civilizatório exacerbado”.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi discutido é possível concluir, que o atual modo de produção capitalista é o principal responsável pela crise que permeia o planeta, e por todos os seus desdobramentos à níveis sociais e ambientais como, a existência das mais diversas formas de desigualdades, a alienação dos trabalhadores acerca do modo de produção e de consumo, a exploração dos países de terceiro mundo e dos recursos naturais pelos países desenvolvidos, além de outros infinitos problemas da esfera ambiental que já são possíveis de serem notados, além da urgência necessidade de se começar a criar soluções que serão efetivas de fato, já que essa urgência coloca em pauta se já não estamos em uma situação de colapso definitivo e irreversível que pode levar a extinção de todas as espécies, incluindo os humanos. Logo, é impossível que esse modelo continue em vigor futuramente se quisermos garantir a continuidade da vida humana e, ainda, a garantia de deixar para as próximas gerações um planeta humanamente habitável.

Assim, a crítica ao capitalismo deve se expandir para além do meio acadêmico. Deve ser popularizado para que seja possível quebrar com a estrutura de alienação dos indivíduos, sobretudo aqueles das classes mais baixas, buscando formas de instaurar uma consciência coletiva nos mesmos através de uma interpretação prática que pode ser realizada pela educação ambiental.

Entre críticas e concordâncias, é possível perceber que o ecossocialismo, apesar de suas diferentes concepções e interpretações, é um modelo que tem sua discussão recente e que, de maneira geral, ainda permanece no campo das ideias. Isso se deve, como já apontado anteriormente, ao forte predomínio do sistema capitalista que está entranhado em nossa sociedade de maneira estrutural, e portanto, acaba se constituindo com um problema em grandes dimensões de escala. Além disso, apesar de existirem tentativas para ir contra essa lógica, como é o caso das práticas ecossocialistas, esses esforços ainda não são suficientes para romper com a lógica capitalista, pois se o problema é estrutural ele deve ser combatido de igual maneira, ou seja, atacando diretamente suas raízes.

Diante disso, faz-se necessário pensar-se a respeito de uma mudança sistêmica, ou seja, a substituição do sistema capitalista por outro que abarque todas as discussões sociais e ambientais, como é o caso do ecossocialismo, que apesar de existirem ressalvas a seu respeito, é uma solução apresentável que poderia de início remediar os problemas apontados até que se chegue em um modelo que sane todas as brechas do ecossocialismo e que garanta a continuidade das espécies, pois sendo pessimista ou não, o fato é de que o planeta já há muito dá indícios de que não suporta mais essa realidade e prosseguir com o atual cenário já não é mais uma opção.

### REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Vânia. Marxismo e crise ecológica: comentários críticos ao ecossocialismo de Michael Löwy a partir da ontologia marxiana. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 16, n. 18, p. 62-73, jan. 2017.

BARRETO, Eduardo. Mudanças climáticas e a tarefa dos ecossocialistas: pelo abandono do voluntarismo geológico. *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 1, p. 211-234, jan./abril 2021.

BARROS, Antonio. A Esquerda Verde: partidos políticos e ambientalismo radical no Brasil. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 503-540, abril/jun. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo Parasitário*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRAVO, Maicon; STEGLICH, Rodrigo. O Ecossocialismo como horizonte político da Educação Ambiental. *RELACult*, Itaipu, v. 4, p. 1-11, nov. 2008.

CANTOR, Renán. Romanticismo, crítica del progreso y ecosocialismo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 31, n. 83, p. 303-320, maio/ago. 2018.

FREIRE, José; VAZ, Alexandre. Meio ambiente e desenvolvimento no Brasil: notas sobre a alternativa ecossocialista. Interthesis, Florianópolis, v. 17, p. 1-17 jan./dez. 2020.

HARVEY, David. 17 Contradições e o fim do capitalismo. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LÖWY, Michael. O que é o Ecossocialismo? 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MARQUES, Fábio. As possibilidades do pensamento e ação transformadores na sociedade do espetáculo. Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 77-95, abril. 2011.

SEFERIAN, Gustavo. Duas provocações ecossocialistas e abolicionistas à luz dos desastres empresariais de Mariana e Brumadinho. Revista Insurgência, Brasília, v. 5, n. 2, p. 166-187, fev. 2020.

SEFERIAN, Gustavo. Extrativismo e a Divisão Internacional do (Direito do) trabalho: uma abordagem ecossocialista. Revista Direito em Debate, Ijuí, v. 29, n. 54, p. 106-117, jul./dez. 2020.

SEFERIAN, Gustavo. Onze proposições sobre o direito do trabalho desde a perspectiva ecossocialista. Teoria Jurídica Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 89-110, jan./jun. 2019.

SOUZA, Matheus. O Marxismo e a atual crise ecológica. Revista Opinião Filosófica, Porto Alegre, v. 11, n. 3, dez. 2020.

QUERIDO, Fábio. Alarme de incêndio": Michael Löwy e a crítica ecossocialista da civilização capitalista moderna. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 11-26, jan./abril. 2013.

QUERIDO, Fábio. Ecossocialismo, romantismo e (auto)crítica da modernidade em Michael Löwy. Plural, São Paulo, v. 15, p. 65-80, dez. 2008.

QUERIDO, Fábio. Na Contramão da (Pós-)Modernidade: o "marxismo Romântico" de Michael Löwy. Plural, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 111-122, jun. 2009.